



Reportagem
fotográfica
de Kok Nam
Texto de
Joaquim Salvador

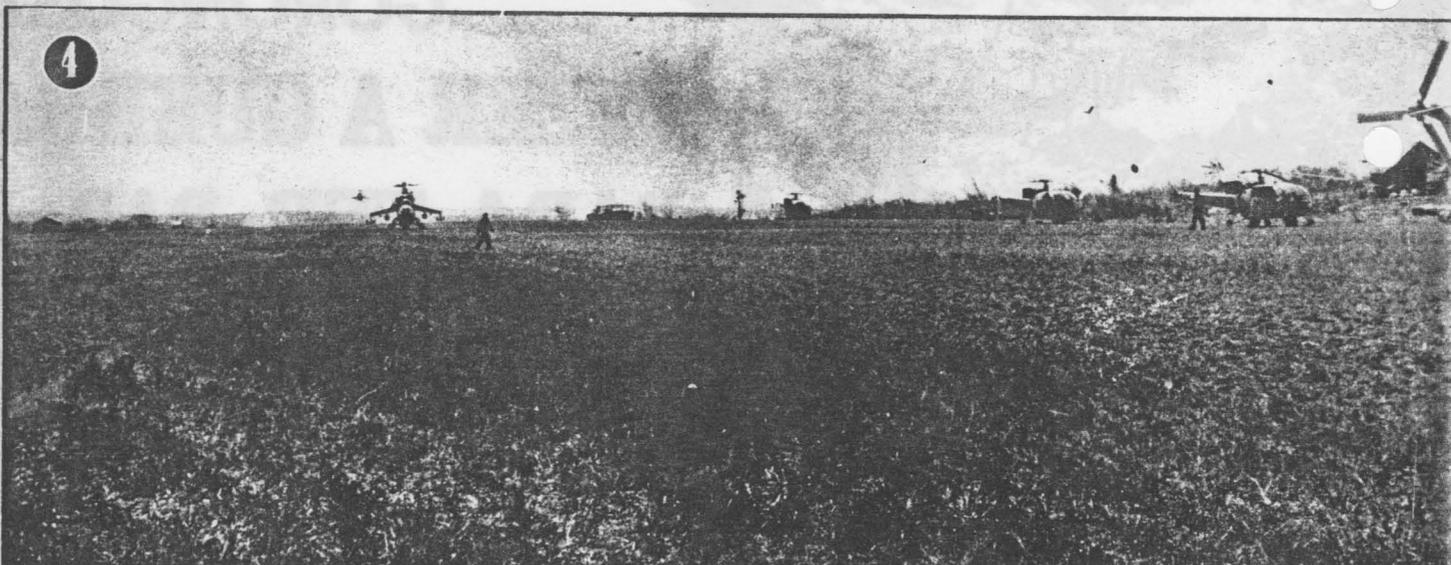


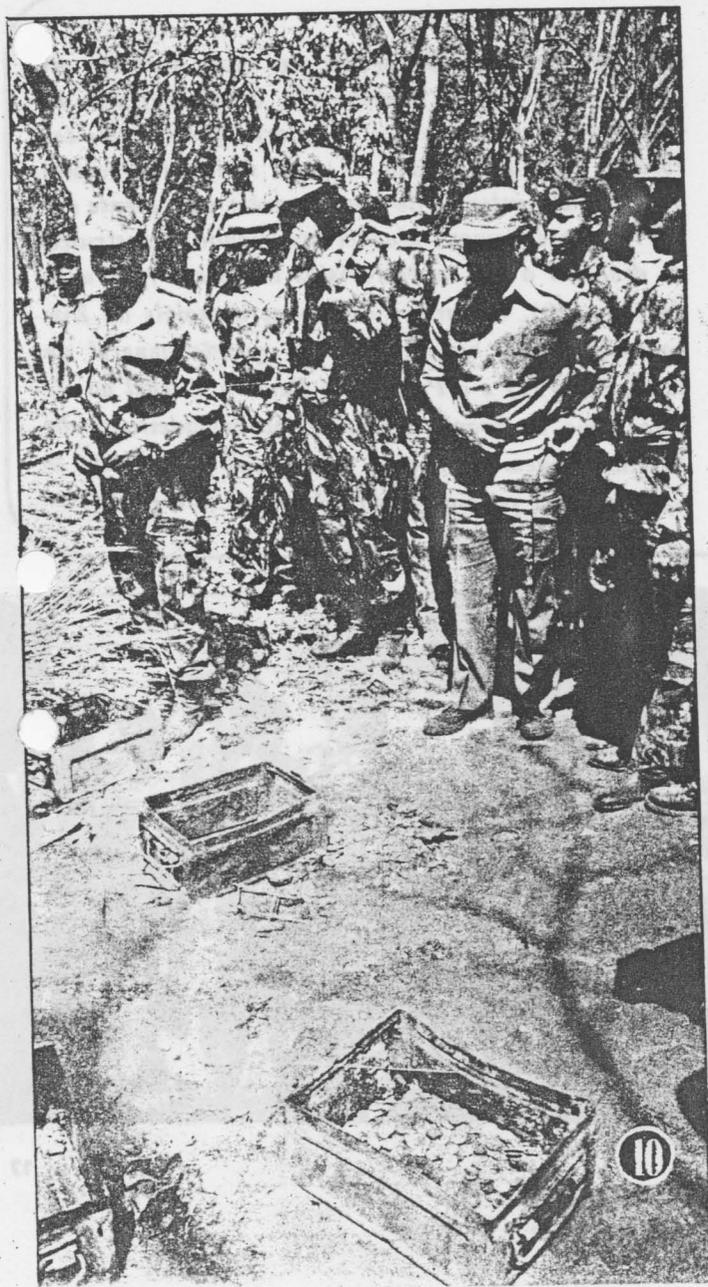
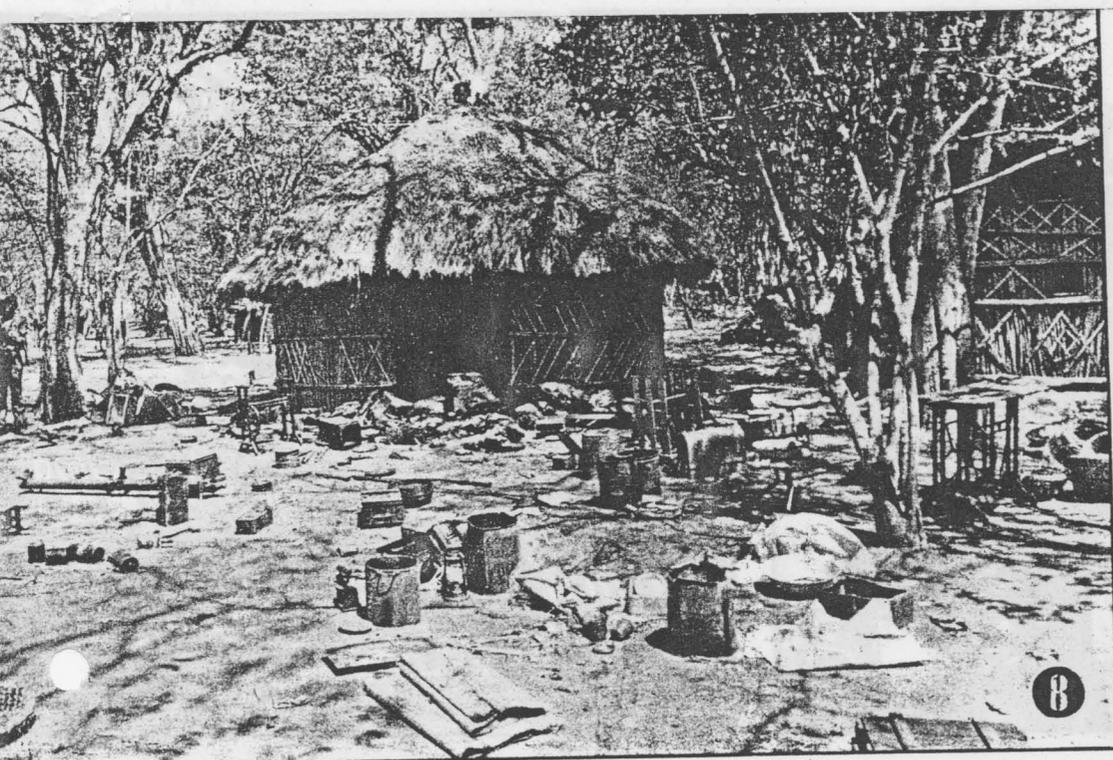
Se, para os círculos ocidentais, tal cooperação se dimensiona em análises de ingerências externas, para nós é fundamental pontuá-la na sua verdadeira concepção: cooperação que rejeita de facto ingerências externas ao Continente, que se consubstancia na fraternidade continental e nos ideais mais profundos da unidade africana.

Os povos desta zona mostram assim à África e ao Mundo a sua determinação de encontrarem soluções pragmáticas de combate ao inimigo comum, soluções unitárias forjadas na luta de libertação, na via correcta que Nyerere, Samora e Mugabe cimentaram às portas da mítica «áfrica branca».

Uma África «branca» que começou a desmoronar-se em 1975, que em 1980 sofreu segundo rude golpe com a esmagadora vitória eleitoral da ZANU-FP, que em 1985 vê uma África do Sul nas convulsões da sua maior crise de sempre.

Uma África democrata e digna que sublinha o querer da autodeterminação no meio do sofrimento da guerra, das dificuldades dos estrangulamentos económicos, das vicissitudes dos flagelos da seca e das cheias,



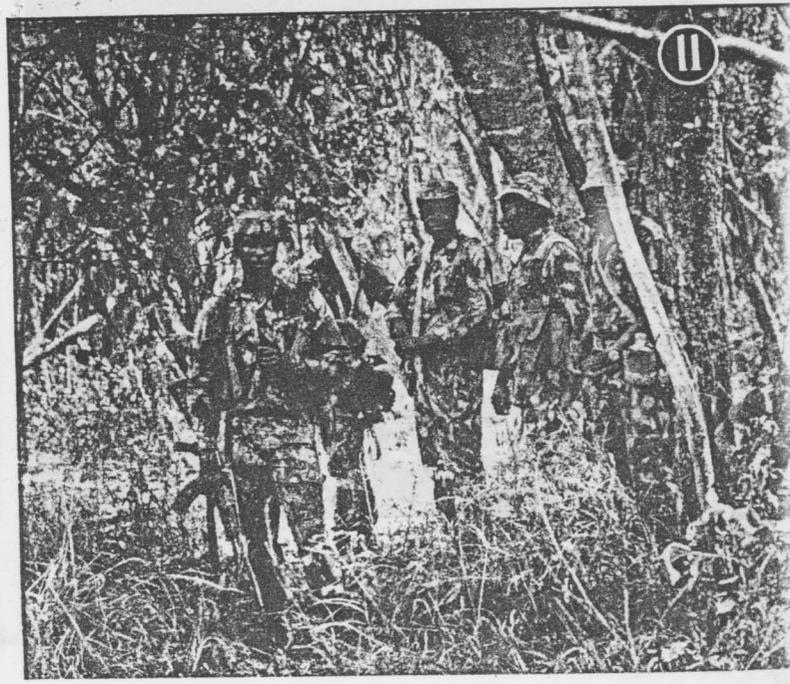


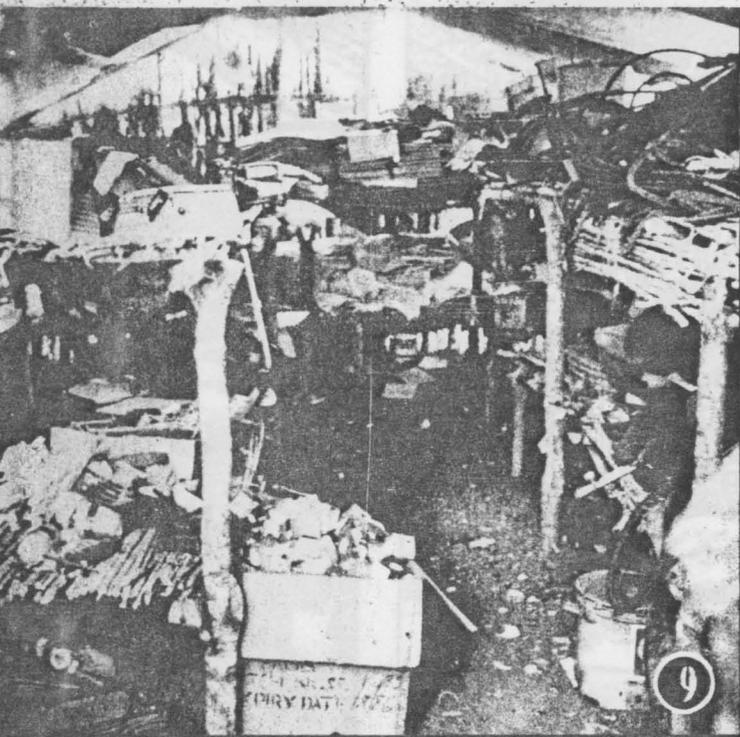
da fome que paira. Que quer libertar-se desses estigmas para, em paz, poder desenvolver-se e construir a felicidade dos seus povos.

Que faz a guerra para obter a paz.

E que, ao fazer essa guerra suja que nos é imposta, evidencia a não necessidade de recorrer a forças externas combatendo, assim, os fantasmas tantas vezes acenados no Ocidente da «influência maligna» da cooperação militar dos países socialistas. Porque essa mesma cooperação é bem-vinda de qualquer lado, desde que respeite a escolha legítima e a soberania dos povos da zona.

Porque, como o afirmou repetidamente o Presidente Samora no passado, estamos abertos a que os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França e mesmo Portugal venham ensinar como se estrutura um exér-





cito convencional, que forneçam instrutores, fardamentos, armas. Para que possamos fazer a guerra que não queremos e que nos impuseram de fora. Para que a Gorongosa seja o primeiro dos grandes golpes a vibrar ao terrorismo e permita liquidá-lo definitivamente.

Nesta nossa mostra fotográfica: soldados zimbabueanos no aeroporto de Chimoio (1), soldados moçambicanos rumo a um helicóptero MI-8 no mesmo local (2), um posto avançado de defesa da «Casa Banana» bombardeado e ainda a arder (3), hélios moçambicanos e zimbabueanos na pista da Gorongosa (4), antiaéreas em «Casa Banana» (5), armamento diverso, baterias, máquinas de escrever, material de

rádio (6), centenas de armas das mais diversas origens e máquinas de costura (7), vista de parte das infra-estruturas existentes no quartel-general dos terroristas com a evidência de uma retirada precipitada (8), vista interior de um armazém polivalente (9), o Presidente Samora Machel apreciando a destruição de dinheiro a que os terroristas lançaram fogo antes da fuga (10), um grupo de tropas especiais do Zimbabue patrulha os arredores do quartel-general dos terroristas (11) e o Presidente Samora Machel ao oferecer uma lembrança simbólica ao brigadeiro zimbabueano Agnew Kambeua, vendo-se à direita um tenente-coronel pára-quedista do mesmo país (12).

